

Águas de Caxambu*

Isabel Lustosa

CAETANO VELOSO, CANTOU, COM A INSPIRAÇÃO GENIAL QUE O EMPOLGA, o ciúme entre duas cidades: Petrolina, em Pernambuco e Juazeiro, na Bahia. Separadas pelo velho Chico, as duas se encaram ressentidas, de um lado a outro das margens, comparando suas misérias e suas grandezas.

O ciúme também lançou sua flecha preta, como disse o poeta baiano, entre duas outras cidades. Não pequenas cidades do interior do nordeste, mas imponentes capitais do rico sudeste.

Muito haveria que contar da disputa que separa o Rio de São Paulo, do jeito com que se estranham cariocas e paulistas. À quanto remonta isto? Talvez ao tempo em que para cá vieram os Andradas, José Bonifácio e seus irmãos. Cismaram os cariocas com a empáfia e a prepotência dos santistas que impressionaram o Imperador Pedro I, justamente por sua competência e capacidade de trabalho. De lá prá cá São Paulo não parou de crescer e o Rio de deslumbrar. Formiga e cigarra reeditando sob a forma de cidades a fábula de La Fontaine. E pelos seus jornais, falam uma da outra, fazendo reparo nos modos e costumes de seus nativos, comparando suas grandezas e suas misérias.

Coisa natural, comum entre cidades, até mesmo entre países. Países grandes, importantes, é só lembrar das piadas que entre si fazem os franceses e os ingleses. Mas é de se esperar que quando cidadãos são reunidos em fórum mais elevado, em comunidades de pensamento mais elaborado, a coisa seja vista, analisada e pesada

* Publicado no *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16.11.1994.

como fenômeno cultural. Ainda mais quando este fórum reúne exatamente aqueles que cuidam destas coisas, como é o ofício dos cientistas sociais: sociólogos, antropólogos e cientistas políticos. Mas lá em Caxambu, durante a XVIII Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, tal como acontece entre as torcidas do Flamengo e do Corinthians, quando postas uma diante da outra, também paulistas e cariocas se defrontaram tendo por motivo a velha paixão do lugar de origem. Assim também já havia acontecido na ANPOCS do ano passado. Queimaram-se os cariocas com o cartaz que representava os meninos que sobreviveram ao massacre da Candelária. Este ano foi a intervenção militar no Rio que motivou polêmicas, que azedou os ânimos: tomaram-se de brios os cariocas, exaltaram-se os paulistas. E a questão social virou mote para disputas. E esta disputa invade sempre a essencialidade do carioca, contraposta à do paulista e saem xingamentos de parte a parte, ninguém se entende, a discussão vira briga.

Num dos trabalhos apresentados este ano, a historiadora Marly Silva da Mota, da Fundação Getúlio Vargas, investigou as origens das desventuras do Rio de Janeiro: os debates que marcaram o momento zero em que o Rio deixou de ser a Capital Federal para ser a Belacap em oposição à Novacap. O momento em que o destino do Rio foi discutido como vem sendo agora. E, naquele momento, tal como fez recentemente o presidente eleito, a especificidade do Rio foi ressaltada. Sugeriu um político dos anos sessenta que o Rio tivesse um status especial: fosse considerada cidade nacional, pois não se pertencia, sendo antes a síntese mais perfeita do país Brasil. O ponto para onde os olhos convergiam quando queria se definir o que éramos e o que seríamos. A fusão do Rio com o Estado do Rio teria invalidado este esforço, anulando a especificidade de um e de outro. Teria se originado aí a história da gradativa decadência da Cidade Maravilhosa.

Mesmo assim, tal como a mulher desejada e nunca conquistada, o Rio maltratado por tantos anos de problemas administrativos, econômicos e sociais, permanece na sua beleza desafiadora, esplêndido e único, a mais bela cidade das Américas, jóia de luz e de cor. Menos do que ciúme, talvez algo mais próximo do amor possessivo de homem

muito certo e muito direito que quer dar jeito a uma mulher definitivamente leviana e irresistível, parece ser o sentimento de São Paulo pelo Rio. Talvez por isso os paulistas tomem tão a peito o problema do Rio. Querem resolvê-lo, querem domesticá-lo, querem decifrá-lo.

Foi, no entanto, uma paulista quem roubou a cena na última ANPOCS: Ruth Cardoso, que antes de ser primeira dama, era a tranqüila diretora do CEBRAP. Não pode sê-lo na ANPOCS. Os olhos do país, pela primeira vez, voltaram-se para um encontro de Cientistas Sociais. A imprensa estava lá. Ruth como os jornalistas teimam em chamá-la queria apenas estar com os seus amigos, como disse tantas vezes. Não deu. A faixa da prefeitura na porta do hotel do seu Mingote, saudava-a. Caxambu demonstrava seu orgulho em recebê-la. E assim será doravante. Tudo o que disser ou fizer, até o jeito de se vestir, será notícia, será moda, será objeto de conjecturas, de especulações. Perdeu o direito de ser Ruth Cardoso, apenas. Mas teve também a medida exata da importância que o seu novo papel tem para os destinos das ciências sociais no Brasil destes novos tempos. E, se os jornalistas que estavam lá queriam tanto ouvi-la, bem que poderia tê-los aborrecido um pouco falando do ofício que ela e os que ali estavam reunidos exercem. Aproveitado para chamar a atenção para o papel que os Cientistas Sociais, que andavam tão desprestigiados, podem ter num país tão pobre, onde os economistas ditam as leis, ditam o número de desempregados, de indústrias que fecharão. Podia falar daquele tema antigo, a mudança social, das grandes migrações do campo para a cidade, das histórias dos bóias-frias. Enfim, aquelas coisas que os cientistas sociais estudam há décadas e que ninguém nunca quis mesmo prestar muita atenção. Tem nada não. Fica para a do ano que vem.

E, se em alguns debates e nos bastidores, estranharam-se cariocas e paulistas, as soluções do comando sustentaram-se no bom senso, na ponderação. De modo que a eleição da nova diretoria manteve a presidência da ANPOCS no Rio. Saiu Aspásia Camargo – aliás, em grande estilo, apresentando-se em conferência impecável, demonstrando que é possível ser ao mesmo tempo um intelectual ativo e um eficiente administrador – entrou Gilberto Velho, carioca da gema, um dos antropólogos que mais

investigou a questão urbana, conselheiro do Patrimônio Nacional. A secretaria executiva – que é quem de fato manda – permanecerá, no entanto, em São Paulo com Antônio Flávio Pierrucci, de comprovada eficiência. E esta divisão ninguém discutiu. Todo o mundo comemorou no baile final, ao som de Cidade Maravilhosa, a música que congregará sempre, cariocas, paulistas, mineiros, pernambucanos, cearenses, etc. etc. Ali, todos confraternizavam e todos se entendiam, talvez contaminados pelo efeito mágico das águas de Caxambu. Caxambu: boa terra de Minas. Minas da neutralidade, Minas da conciliação.